POEMA

Lágrimas

poema em quatro movimentos

Renato Gonçalves da Silva

Há choros que não molham o rosto — apenas a alma.

I. A Lágrima do Desamor

Existe uma lágrima que não pede licença,
que nasce no centro do peito antes do olho,
e sobe devagar, queimando cada nervo,
como brasa que encontra o caminho do joelho.

É a lágrima do desamor — a mais seca,
pois vem de quem aprendeu a não chorar,
de quem guardou o amor em caixa trancada
e perdeu a chave sem saber onde procurar.

Não há drama nessa água. Só silêncio.
A ausência que dói mais do que a traição —
o leito vazio que conserva o teu cheiro,
e eu, sozinho, abraçando a própria solidão.

II. A Lágrima da Saudade

A saudade não avisa. Ela apenas chega,
como hóspede antigo que conhece a porta,
e se instala entre as dobras da memória
com a leveza cruel de quem não se importa.

Essa lágrima tem gosto de março antigo,
de tarde que não volta, de voz que se calou,
de mão que eu não segurei quando devia,
de tudo aquilo que o tempo me roubou.

Choro por você que já não me pertences,
mas que ainda habitas cada esquina do que fui.
A saudade é o amor que ficou sem endereço —
carta devolvida ao remetente. E o remetente sou eu.

III. A Lágrima do Amor

Mas há também a lágrima mais rara —
a que transborda quando a beleza excede
os limites do que o coração consegue suportar,
e o corpo todo em gratidão se rende.

Choro porque te amo de um jeito que assusta,
porque a tua presença é grande demais pra mim,
porque quando me olhas eu me torno outro —
alguém que ainda acredita que há um jardim.

Essa lágrima não dói. Ela transfigura.
Ela lava o que em mim havia endurecido.
É a prova de que ainda sou capaz de amar
depois de tudo aquilo que já tinha sofrido.

IV. A Lágrima da Dor

E quando a dor — a dor de verdade — chega,
não há poema que a caiba inteiramente.
Ela rompe toda forma, toda métrica,
e o choro vira grito, vira vento.

Chorei por mortes que ainda estão me matando,
por despedidas que eu não tive tempo de fazer,
por palavras engolidas na hora errada
e pelo tanto que eu quis dizer e não sei como dizer.

A lágrima da dor não pede explicação.
Ela é a linguagem mais honesta que existe —
mais verdadeira que qualquer declaração,
mais nua do que a alma quando assiste.

No fim, todas as lágrimas têm o mesmo sal —
o mesmo mar antigo de onde viemos.
Talvez chorar seja apenas isso:
lembrar que somos água, e que voltamos.

Renato Gonçalves da Silva

Renato Gonçalves da Silva
Avaré, 2026

© 2026 Renato Gonçalves da Silva. Direitos autorais registrados. Todos os direitos reservados. Reprodução proibida sem autorização expressa do autor.